

MEMORIAL EM
HOMENAGEM A
Mauricio Lissovsky





REVISTA ECO-PÓS | MEMORIAL EM HOMENAGEM A MAURICIO LISSOVSKY | V. 25 | N.2 | 2022
DESIGN E DIAGRAMAÇÃO: GUILHERME FERREIRA

ENCONTROS

Por Clarice Lissovsky

observar você observando fotos
observar uma foto em que você me observa como se
observasse uma foto
observar uma foto sua em que você come
uma foto sua
observar uma foto sua
minha
em que eu como um rolo de filme como alguém que
não está pronta para o futuro
e suas revelações
guardadas como se presas
pra sempre
nessas debochadas trágicas lindas imagens do passado



MAURICIO, MEXIDÃO

Por Valentim Lissovsky

Professor, historiador, roteirista, escritor, intelectual, pesquisador ou até mesmo cantor, tanto faz. Sinto que a objetividade inerente às denominações/descrições é insuficiente quando se trata de relatar quem foi Mauricio, meu pai, Lissovsky.

Mauricio era uma constante mistura de todas as coisas. De manhã, podia estar apreciando solos refinados de Avishai Cohen ou de Hilary Hahn; de tarde, divertindo-se com a Orquestra de Ukulele da Inglaterra e, de noite, gargalhando frente a um clipe musical cubano bem humorado¹, acompanhado do seu indispensável uísque. Simultaneamente, estaria pesquisando, escrevendo, deduzindo, investigando pinturas com autoria desconhecida num leilão ou simplesmente pensando na aventura que seria se ele tentasse, para o próximo almoço, preparar um exótico prato italiano. Nesse sentido, Mauricio era tudo, menos objetivo.

Certo dia, em seu apartamento de Santa Teresa, estávamos eu, ele, a namorada Cristina, minha irmã Clarice e Gabriel Gallindo, com quem estava (minha irmã) trabalhando na direção do documentário Radical, acerca da campanha de Boulos. Em dado momento, algo no rumo da conversa me fisgou a atenção. Bolsonaro sofria, na época, de uma crise de soluços. Meu pai dizia ter “a explicação”. Era uma faísca do mexidão².

Motivado pela infidelidade denominativa que o Lattes me

proporciona decidi, quase que num impulso, discretamente registrar esse momento com meu celular³. A câmera inquieta, buscando enquadrar por vezes Mauricio, por vezes Gallindo, denota a árdua tarefa de que me encarreguei de capturar a essência do meu pai, que transborda o ego e se aloca no outro através da intriga, do riso e da afeição. E talvez seja por isso que as descrições não desfrutam de Mauricio. Para compreender quem foi Mauricio Lissovsky, há de se conhecer o efeito que ele produzia naqueles que tiveram a sorte de tê-lo rodeado.

¹ *Platanal de Bartolo*. Disponível em: <<https://bitly.com/OdtlBWry>>

² *Mexidão é um típico prato mineiro. Meu pai costumava fazê-lo pra mim ao longo dos anos.*

³ *O vídeo encontra-se disponível na seção portfólio desta edição da Revista Eco/PÓS.*

PACIÊNCIA E O CONVITE À FERA NA SELVA

Por Andréa França

Trago uma imagem doméstica de Mauricio reavivada pela experiência de sua partida. Mauricio tinha o hábito, cultivado ao longo dos anos, de jogar paciência com baralho de cartas online. Passava horas a fio dedicando-se à prática de organizar pilhas de cartas, uma para cada naipe, em ordem crescente. Jogava em uma quietude sepulcral, diante do computador e, quase imóvel, parecia habitar outro tempo e lugar. Havia a atualidade do presente, onde jogava com as cartas no tabuleiro reluzente, e havia o alhures, onde se forjava uma afinação da escrita (livros, roteiros, ensaios) e da imagem fotográfica que, eleita, faria vibrar o texto.

Jogava paciência ouvindo jazz. Às vezes, música clássica. O jogo da espera pelo descarte da carta do topo e da anotação sem serventia cobria-se de tons musicais, cadências, durações e intervalos. Paciência e música proporcionavam ao pai do nosso filho um certo controle sobre a escrita por vir. Eram o convite ao tempo longo do texto. O acolhimento para que o inesperado das montagens históricas inauditas pudesse saltar como a fera que retorna faminta para cobrar a conta do tempo. Paciência e música armazenavam a energia para que pudesse flunar zombeteiro e alegre pela selva da história dos homens. Eram o seu refúgio, a máquina de esperar.

Mauricio era um ser musical. No apartamento onde cresceu, no bairro de Santa Teresa, habitavam dois pianos que pertenciam a cada um de seus pais. A mãe, Rachel, era professora de música da rede pública, tendo estudado piano no Conservatório Superior de Música de Paris durante a juventude; o

pai, Alexandre, era professor de literatura judaica, tendo estudado na Universidade de Chicago na década de 1950, e amante de música clássica. Lembro de minha surpresa feliz quando me deparei com os dois pianos lado a lado no escritório amplo do apartamento próximo ao Largo do França. Eu também tocara piano ao longo dos anos, tendo estudado no Conservatório de Música de Curitiba, e imaginei, quem sabe, ali reencontrar, em meio às agigantadas estantes de livros empoeirados, os arpejos e acordes da infância pujante.

No ensaio *A fotografia é uma música*, ele diz: “O compositor suíço Ernest Bloch abandona a Graflex em favor da Leica, em 1931. Mal pode conter o entusiasmo: produz mais de mil negativos em um ano (...). Finalmente, a máquina lhe dava acesso ao que acreditava ser a alma das coisas. Mais precisamente, a alma das árvores, que ele fotografava continuamente em Roveredo, nos Alpes italianos, onde se refugiara para compor *Sacred Service*, uma de suas obras-primas: ‘Comecei a tirar fotos de uma árvore depois da outra, em meio a um silêncio perturbador. Então, subitamente, era como se a alma de cada árvore aquecesse meu coração e se comunicasse comigo. Foi um momento muito emocionante: chorei! Eu mesmo havia me tornado uma árvore! O que é bem melhor do que ser um homem’.”

Com amor sempre,

Andréa França (e Valentim Lissovsky, que também adora música)

AVOS
Brasileiros
do século XIX na fotografia de
Christiano Jr.

Para a vovó,
com todo o carinho
de

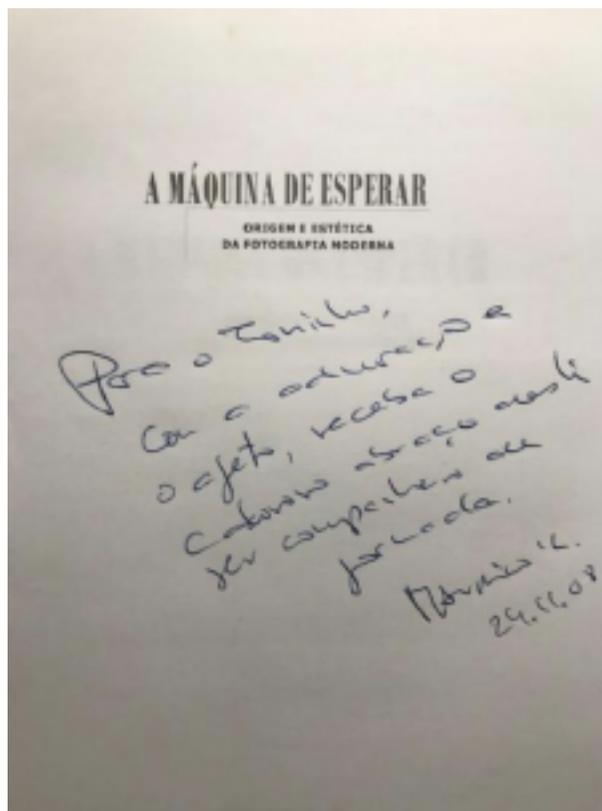


Por Angela Magalhães e Nadja Peregrino
(Curadoras e Pesquisadoras Associadas)

No começo dos anos 1980 a fotografia brasileira ganhava visibilidade nacional com programas coordenados e patrocinados pelo governo federal, pela ação do Instituto Nacional da Fotografia, da Fundação Nacional de Arte. Atuávamos na área de pesquisa, curadoria, itinerância de exposições, coordenando, também, as semanas nacionais de fotografia que circulavam pelo país. Naquele momento, o jovem Mauricio Lissovsky despontava na área com seu vivo interesse pela imagem, pelos estudos dos escritos do filósofo Walter Benjamin e temas correlatos à história universal da fotografia. Foi para nós um feliz encontro, que se desdobrou em parcerias de trabalho cultivadas ao longo de quatro décadas de convivência. O último texto de Lissovsky, recém-publicado no livro *Midioteca 4 – escritos sobre fotografia contemporânea* (Grupo de Pesquisa Fotografia, imagem e pensamento – ECO/UFRJ) é a prova viva da sagacidade intelectual de um amigo e mestre querido.

Em 16 de setembro de 2022

Por Antonio Fatorelli



Essa linda dedicatória, deixada pelo Mauricio no dia do lançamento do seu livro, ganha agora novos contornos.

As muitas bancas compartilhadas e as mesas divididas em diversos congressos permanecem na memória, deixando um lugar vago e uma indelével marca de presença nessa nossa jornada.



A REALIDADE É MÚLTIPLA E TRESLOUCADA

Por Bebeth Lissovsky

Na homenagem póstuma ao nosso pai, em 2007, na Faculdade de Letras da UFRJ, Mauricio começou dizendo que papai era nosso Google, numa época em que não existia Google.

Mauricio ampliou e amplificou essa função. A alegria que ele sentia (e ainda me é difícil usar o verbo no passado) em pesquisar – em fontes físicas e virtuais – um determinado assunto que levaria a um determinado caminho que levaria a outros assuntos que levariam a outros caminhos e em compartilhar esses assuntos e caminhos em textos, em imagens, em risadas em volta da mesa de almoço é inigualável.

O título aí em cima foi usado por ele, se não me falha a memória, em um texto bem anterior a sua produção acadêmica, que não sei onde foi parar nem sequer se deixou de ser rascunho.

Historiador da fotografia, pesquisador, consultor, interlocutor de historiadores, pesquisadores e consultores, roteirista, letrista, adaptador de receitas culinárias, cantor de corais, construtor de imagens e textos e memórias, quem vê meio de longe ou aos pedaços pode imaginar que se trate de um ser múltiplo e tresloucado, aquele que, na verdade, é, pra mim, inigualável.

Santa Teresa, Rio de Janeiro, setembro de 2022

CENAS DE CASA

Por Cristina Teixeira

Veza por outra as pessoas me perguntam: “Como era Mauricio no cotidiano?”. Posso responder pelos últimos anos, mas acredito que seu dia a dia em outros lares não era tão distinto do que vou relatar. Tratava-se de um homem de rotina. No geral, pela manhã, compartilhava comigo café preto, mas, vez por outra, optava pelo chá. Suco, frutas, pão, queijo e geleia eram imperativos. As notícias do dia já não eram mais lidas, mas ouvidas no celular.

Depois de uma toaleta longa, sentava-se no computador e seguia a ordem que tinha estabelecido para a agenda do dia. Era rigoroso nessa sequência. O que encabeçava a lista seria impreterivelmente feito em primeiro lugar, mesmo que não fosse prioritário. Por exemplo, caso uma conta estivesse vencendo naquela data e, se por algum motivo, ele não conseguisse chegar a ela ao final da jornada, só iria pagá-la depois que houvesse riscado as tarefas anteriores da listagem.

A agenda do dia iniciava com a checagem de e-mails. E lá estavam as dezenas de mensagens de leilões. Há uns bons 10 anos, havia adquirido o hábito de só comprar coisas em leilão, de bebidas a eletrodomésticos. Esse hábito se iniciou com a aquisição de quadros. O grande prazer era comprar peças de autoria não identificada. Mas seu olhar de historiador das imagens tornava forte sua aposta sobre quem era o(a) autor(a) da obra. Tinha um prazer imenso de disputar os quadros nos leilões online. Desenvolveu toda uma estratégia para desviar a atenção dos concorrentes. Simulava o interesse em outras obras, disputando-as com lances altos a fim de descapitalizar o rival na

hora de brigar pelo que tinha maior interesse. A coleção de quadros de autoria desconhecida ganhou um nome: “Os falsos falsos”. Trata-se de uma preciosidade. Também presenteava os amigos com quadros, aliás, ultimamente, só os presenteava com quadros. Gostava de dar um destino às imagens. Dizia que era uma espécie de missão que tinha.

Às tarefas do dia somavam-se os diálogos no WhatsApp. Merece registrar o quanto ele odiava mensagem de voz. Quando recebia uma, simplesmente não respondia ou dizia que iria “deixar a pessoa de castigo por um tempo”. Com certeza, seus diálogos mais frequentes nesse ambiente eram com o IDEA, seu grupo de pesquisa. Nesse espaço, pensava, se alegrava, jogava conversa fora, inventava sandices, fazia rir, reverberava pensamento na amizade e amizade no pensamento. Em 2020, escreveu e apresentou aos amigos do IDEA o texto “Em busca dos nomes nos anjos pudentos – Raízes hebraicas”. É incrível como uma troca despreziosa de mensagens no WhatsApp gerou esse escrito cheio de sabedoria e humor. Mas qual escrito de Mauricio não o era?

Mauricio era bom na cozinha. Aprendeu com a avó. Era péssimo de arrumação e limpeza. Enquanto eu organizava as gavetas, o guarda-roupa, a caixinha de remédios, a mesa do escritório, ele cozinhava. Seus jantares e almoços em Recife ficaram famosos.

Com a pandemia da Covid-19, muitas de suas atividades

passaram a ser, a contragosto, online. No semestre em que não tinha disciplina na pós-graduação da ECO, se reunia com seu grupo de estudo às segundas-feiras, 16h. Findas as discussões do grupo, por volta das 18h, pegava um uísque e ficava de papo na frente da tela com quem tivesse interesse e tempo para a conversa. Com absoluta certeza, esse era um de seus grandes prazeres nos anos recentes. Nos dias da semana em que não havia encontro do grupo, mantinha o hábito do uísque no início da noite. Finalizava as atividades no computador por volta das 17h30. Se estivesse em Recife, caminhava na esteira; no Rio, ia direto para o banho. Fazia isso escutando o programa “O É da Coisa”. Na sequência, sentava-se no bar (ambos os apartamentos têm esse lugar lissovskyano sagrado), servia-se de bebida, beliscava uns aperitivos. Adorava queijos (todos) e castanha de caju. Eu lhe fazia companhia bebendo Coca-Cola. Ele não reclamava. Sempre aceitou bem o fato de eu não beber. Jantávamos, conversávamos e íamos ver televisão. Por vezes, notícias, no entanto, mais comumente, séries. Gostava de histórias de crime. Embora topasse me acompanhar vendo “filmes cabeça”, claramente já não mais nutria real interesse por essa cinematografia.

Na smart TV de Recife constam três perfis Mauricio Lissovsky no Youtube. Um deles exhibe os filmes que ultimamente costumava assistir: películas em preto e branco das décadas de 1950, 1960. Meu irmão brincava com ele perguntando qual “lançamento” estava assistindo naquela noite. Em outro perfil estão as músicas que gostava de escutar (jazz, música clássica, cubana e coisas estranhas de muito longe). Um terceiro perfil exhibe as entrevistas, lives e palestras pelas quais demonstrava

interesse. Poucas vezes fazia uma busca nesses perfis. Gostava de ser agraciado/surpreendido por aquilo que o algoritmo o oferecia. “Cris, eu sou fã do algoritmo”, me dizia.

Nos fins de semana também seguia uma rotina. Aos sábados, após ouvirmos Greg News e Foro de Teresina, lá ia Mauricio com o bolso da bermuda cheio de dinheiro trocado, à feira de Casa Forte. Reclamava que eu andava ligeiro pelas barracas. O domingo era a vez de escutarmos Xadrez Verbal e passearmos pelo “bosque de Francisco Brennand”, na Várzea. Para meu estranhamento, quando caminhava ao ar livre, não curtia ouvir música ou qualquer outra coisa. Preferia se concentrar na paisagem. Mas era distraído com o caminho. Tropeçava com facilidade no que estivesse à frente.

No Rio, foram poucas as vezes em que andamos juntos pelas ladeiras de Santa Teresa, embora fosse um programa que Mauricio gostasse. Cresceu nesse bairro. Toda a sua família mora em Santa Teresa. Amava tudo de Santa: a paisagem, o bondinho, os moradores. Um dos maiores prazeres dos tempos atuais (e de outrora) era comer salsicha na Adega do Pimenta e tomar cachaça. Gostava de ouvir as badaladas dos sinos das igrejas do entorno. Eu aprendi a apreciar isso com ele.

Filho de pianistas, cantou em coral, fez parte do grupo Garganta Profunda. Tinha uma ligação umbilical com a música. Só trabalhava escutando algo. Tinha por costume ouvir a rádio KCSM, de San Mateo, Califórnia, da qual era colaborador. Atualmente, reclamava que não tinha o mesmo pique de trabalho de antes. Adquiriu o hábito de fazer uma longa sesta pós-almoço. Também já não conseguia escrever à noite. Foi difícil ceder a isso.

de antes. Adquiriu o hábito de fazer uma longa sesta pós-almoço. Também já não conseguia escrever à noite. Foi difícil ceder a isso. Contudo, começava a ficar em paz com esse rearranjo do corpo. Apesar dessas limitações, continuava produzindo muito. Muito. Cursos, palestras, conferências, participações em mesas, orientações, intervenções em bancas, ensaios, artigos, pareceres, consultorias, projetos, entrevistas, roteiros e uma infinidade de coisas. Era versátil, multifacetado, múltiplo, plural. E ao mesmo tempo era consistente, profundo, radical. Falar da intelectualidade e sabedoria de Mauricio é chover no molhado. Tinha o hábito de ler para mim seus escritos acadêmicos. Era uma forma de ler para si próprio. Também gostava de me colocar para dormir lendo algo literário. Era um dos gestos mais amorosos que tinha para comigo. Dormia de lado, na beirada da cama, quase caindo. Dizia que respirava melhor.

Em janeiro deste ano, levou os filhos Valentim e Clarice para Recife. Estava alegre com isso porque nunca havia viajado com os dois juntos. Agora que Mauricio não está mais aqui, essa viagem ganha um peso muito grande na memória de todos nós. Alguns outros movimentos que ele fez são também para mim muito significativos. Por exemplo, a doação da biblioteca de história e literatura judaica do pai para o Centro Israelita de Pernambuco. Dar um destino a esses livros era algo que o preocupava desde que a mãe faleceu, em 2019.

Outra coisa que me impressiona é a dedicação que teve à comemoração de seu aniversário de 64 anos. Nunca quis festejar aniversário, mas esse ano foi diferente. Decidiu que faria uma festa temática: “Adeus Odessa”. Fez uma playlist para a festa. Pesquisou filmes com imagens da Rússia e da Ucrânia para exibir na TV. Preparou 14 pratos inspirados na culinária russa: borsch, frango a Kiev, salada de pepino, batatas, enfim, tudo muito russo. Me pediu que decorasse a casa com girassóis.

Mauricio se foi. O cotidiano que eu tinha com ele também. Ficaram as histórias, as imagens, a memória de um amor bem vivido. Guardo dele o gesto de lançar para trás o cabelo muito liso que teimava em cair na frente do rosto, o silêncio e o olhar para o alto que acompanhavam a elaboração de um pensamento, o hábito de jogar paciência e ouvir música enquanto trabalhava, a risada franca e as tiradas bem-humoradas que permeavam as conversas.

Mauricio chegou a mim por um acaso e se foi como um acidente de percurso. Gostaria que sua ausência física fosse tão somente pausas do destino, mas a irreversibilidade da morte não abre chances para uma máquina de esperar. Ficamos, então, caçando rastros na paisagem ou um refúgio do olhar.



Por Denilson Lopes

Não me lembro quando conheci Mauricio, talvez através de Andrea França, talvez num dos encontros da COMPÓS, mas nos quinze anos que tenho trabalhado na Escola de Comunicação da UFRJ, os encontros, em especial, decorrentes de estarmos na mesma linha de pesquisa, compartilhando a coordenação da linha, participando de bancas, bem como no mesmo GT de Comunicação e Experiência Estética, se seguiram. Walter Benjamin era um autor de interesse comum, embora sua leitura marcada pela ironia, entre outras coisas, fosse bem diferente da minha, marcada pela melancolia. Como nunca escrevi sobre fotografia, admirava e aprendia com suas curiosas, inusitadas, sempre estimulantes leituras em palestras; mas nunca conversamos sobre seus livros, aos quais devo uma leitura mais atenciosa. Sempre me surpreendia sua capacidade de, ao ler trabalhos com os quais certamente não concordava ou cuja abordagem não era tanto de seu interesse, se colocar no lugar do texto, do seu autor. Creio que essa generosidade não inibia também a crítica. Nos últimos anos, quando me aproximei dos anos 1930, década pela qual tinha especial interesse e pesquisado, sentia mais convergências de interesses que até então não tínhamos. Pena que as conversas tenham sido interrompidas de forma tão prematura.

MAURICIO LISSOVSKY - UM TEÓRICO DE AÇÃO FORTE

Por Jorge O Mourão

aniversario hoje e tenho como presente sempiterno a memória dos encontros instigantes com Mauricio apresentado no LOFT da Lapa por Clovis Molinari – meu irmão de cabeça & coração – nos idos de 1982

conheci Clovis e mais no velório de Glauber; eles filmando em Super 8 enquanto eu manifestava superindignação com a hipocrisia dos colegas e sobretudo dos nem tanto que o vinham patrulhando tempos durante

distribuí 42 cópias do manifesto que publicara no Jornal do Brasil – enxertados com manuscritos em pilot – mencionando o assassinato cultural denunciado por ele quando a vítima foi Anecy – conceito revolucionário que precisou ser avalizado pela autoridade do psicanalista Eduardo Mascarenhas, para quem a ignorância farisaica esgotasse mais um impropério

Clovis organizou com Mauricio e mais cineclube Super 8 na UFRJ e o transferiu para a ESDI, com a visão de ampliar o espaço de acesso

à grande e inédita produção – nesse pequeno formato! – elaborada por corajosos visionários em tempos de guerra e pouco sol

fui convidado para a primeira sessão que decorria na bela tarde da Lapa com audiência jovem & disponível para as aventuras vigentes quando a ilustre diretora – tida como progressista – irrompeu na sala impressionada com buSSSetas – Sapecas Serelepes Sinuosas – que abundavam no filme de Ivan Cardoso e decepcionantemente exerceu com despeito censura acadêmica

foi só eu convidar a garotada para atravessar a praça dos Arcos e ocupar espaço no LOFT para que a SALA TERRA exibisse as sextas-feiras as obras censuradas & outras mais sob a supervisão de Clovis & Mauricio

tive homéricas discussões com a inteligência brilhante & afiada de Mauricio fazendo jus ao espírito libertário do LOFT – Galeria Alternativa trincheira de resistência cultural de 1975 a 1985.

PENSANDO EM MAURICIO LISSOVSKY, SEM ENCONTRAR PALAVRAS PARA A TRISTEZA

Por Marcio Tavares d' Amaral

Tenho procurado ideias para um ensaio que honre a presença do Mauricio entre nós – a presença, a presença para sempre, esse tão longo tempo – desde que recebemos, todos em lágrimas, desolação, indizível tristeza, a mensagem de Paulo Vaz no grupo do IDEA: “Perdemos o Mauricio”. Eram 17h49 do dia 25 de agosto de 2022. Dia e hora de uma perda inacreditável, da ordem do horror. O grupo veio abaixo. Ainda agora, procurando esse momento, só encontrei lágrimas, muitas, para honrar esse querido amigo, que por uns 30 anos foi uma presença serena, brilhante, irônica e cheia de riso no IDEA, nosso grupo de pesquisa na ECO. Durante muito tempo nosso whatsapp chorou. Ainda chora. E por mais que tenha pensado numa coisa séria, à altura da sua inteligência criadora, não encontrei as palavras. Até essa hora, em que finalmente me sento para escrever, nada me apareceu que não fosse lágrima impressa na tela. Um artigo, pequeno que fosse, um artigo, quis tanto. Não foi possível. Muito sério, muito severo para expressar a dor. As imagens que vêm me habitar estão no coração, e sangram, não conseguiram ainda subir à mente para serem decantadas em ideias. Não as quero decantadas. Quero que sangrem. A saudade não é para ser refletida com erudição. É para doer, até que se tornem apenas, talvez apenas, a boa memória dos dias bons.

Trago então para essa homenagem ao Mauricio o poema que escrevi para o momento da sua despedida, como quem traz um ramallete de flores envergonhadas. Tão pobres, tão simples. Mas também tão verdadeiras. Seja essa a homenagem de que agora

sou capaz: palavras que choram e trazem à ponta dos olhos molhados um pouco de verdade. Numa hora como essa, a verdade não está nas escritas sérias. Sente-se melhor na poesia e na música. Assim:

Poema triste para não dizer adeus

Para o Mauricio, num dia muito claro de sol.

Um dia aprenderemos a ter você na memória,
só na luz que a sua vida foi.

Ainda não. Ainda as lágrimas nos dizem
que o assombro pôs sua mão inesperada
nos nossos corações.

Agora você está além do tempo,
na eternidade de Deus, que não sabemos.

Há memória aí? Você nos vê?

Sorri seu riso que não esqueceremos,
sobre nós, tão tristemente transitórios?

Entre a sua eternidade iluminada
e nós aqui ficou o tempo,
escavando na memória a sua ausência.
Tentamos rir, olhar fotos tão antigas,
contar histórias de primeiro encontro,
enamorado do passado bom.

Custa-nos esse riso. Mas nele nos mantemos
dolorosamente à espera.

Pois você voltará como memória alegre.
enamorados do passado bom.

Custa-nos esse riso. Mas nele nos mantemos
dolorosamente à espera.

Pois você voltará como memória alegre.
Então já terão ido os passos dolorosos,
e, você entre nós, riremos juntos.

Li esse poema no dia em que fomos nos despedir do nosso amigo.
E o entreguei à Cristina. Talvez ele aprovasse o gesto. Por
enquanto, ainda num tempo de muita dor, essa entrega é um gesto
de amor à vida. Talvez ele gostasse dessa entrega: passar um
poema às mãos de quem o guardará no coração.

Por Victa de Carvalho

Mauricio foi meu professor durante o mestrado, e com ele aprendi que sempre há algo mais a ser visto em uma imagem. Anos depois, já professora da ECO, quando solicitei credenciamento no PPGCOM ECO/UFRJ, Mauricio foi encarregado de me dar o resultado. Não esqueço aquela reunião, ele sentado à mesa, fazendo suspense, se divertindo com o meu olhar nervoso e apreensivo, até que finalmente veio uma forte gargalhada, seguida do resultado favorável e de comentários generosos sobre o projeto. Foi com enorme orgulho também que recebi, de uma orientanda dele, o primeiro convite para participar de uma banca de doutorado como avaliadora. Depois dessa, outras vieram, e foram sempre momentos de diálogos interessantíssimos e de muito aprendizado. Quando fui coordenadora do PPGCOM, Mauricio me ofereceu muitos bons conselhos em momentos difíceis. Conselhos preciosos, recebidos sempre com muita gratidão. Sua ausência é fortemente sentida, e o único conforto é saber que o seu legado inestimável viverá através de todos que o conheceram e o admiraram.

SONHOS

ALEGORIA, ALEGRIA E AMIZADE: PALAVRAS PARA MAURICIO

LISOVSKY

Por Beatriz Jaguaribe

Quero compartilhar um sonho. Um sonho que tive com Mauricio, que foi uma pessoa tão especial para tanta gente. Para mim, foi meu amigo no sentido mais intenso e generoso da palavra.

Sonhei que Mauricio havia inventado um “sistema alegórico”. Pessoas de toda parte o procuravam para ansiadas consultas. Posicionado atrás de uma longa mesa, ele embaralhava enigmáticas cartas. Com vasta barba e aparência risonha, dava até gargalhadas que amenizavam a angustiada expectativa dos pedintes. Para cada pessoa, Mauricio produzia um “kit alegórico” específico. Nele estavam as chaves do destino, pegadas do passado, símbolos do futuro. Todos tinham que decifrar ou inventar seu porvir com os instrumentos singulares que lhes eram dados.

Quando acordei, pensei em guardar o sonho para mim. De tão deliberativo, poderia parecer fabricado e algo pretensioso. Mas o sonho foi veraz enquanto sonho. Entre tantas habilidades, Mauricio era um leitor talentoso de Walter Benjamin e compreendia luminosamente o sentido benjaminiano da imaginação alegórica. Como historiador, recolhia nos arquivos do passado os sinais do futuro em ruínas. Desvendava espessuras de histórias na opacidade das fotografias que examinava. Vê-lo no sonho como autor/messias de um sistema alegórico, que ele parecia não levar muito a sério, me confortou e divertiu. Mauricio se divertia muito com as próprias ideias. Tinha consciência de ser sensacional, mas seu senso de humor afinado não insuflava ansiedades de narcísica autoria. Gostava de dizer que era um artesão das ideias porque compreendia a tessitura coletiva do imaginário.

Convivia intensamente com as imagens. Seu apartamento em Santa Teresa tem as paredes forradas de quadros únicos garimpados em leilões e seus deliciosos, eruditos e variados escritos interrogam um arsenal de imagens. Fez um primoroso

roteiro sobre três senhoras cegas que cantavam nas ruas de Campina Grande, colocando em imagens e narrativa a vivência potente dessas mulheres que não podiam enxergar, mas que tudo viam. Adorava resgatar pessoas da invisibilidade e tinha um apreço pelos artistas apagados da história. Durante a pandemia, sugeriu que a utopia prometida pelo mundo virtual de nos transformar em imagens tinha implodido. Retidos em nossos casulos, nossas imagens flutuavam no ciberespaço enquanto nossos corpos materiais adoeciam, envelheciam, padeciam. Temos, nas palavras dele, uma inveja da sobrevivência das imagens. Precisávamos, dizia, libertar nossos corpos de suas imagens e estar em paz com nossa própria materialidade.

Durante sua cremação, reparei na parede de nichos adjacente à sala onde ocorria o velório. Semelhante ao meu sonho, mas também de modo bem diverso, cada nicho exibia um “sistema alegórico”, ou seja, a urna funerária e os apetrechos que caracterizavam os pendores da pessoa que faleceu. Gente anônima, cujos nichos eram adornados com bandeiras de clubes de futebol, copos de cerveja e vasos de flores, estava ao lado de celebridades com suas imagens televisivas, óculos ou lenços icônicos.

Mauricio deixa tanta saudade e muito legado. Não existe a utopia da vida em imagens incorruptíveis. Ainda bem. Existe memória e a alegria da convivência. Seu nicho “alegórico” é múltiplo e nutrido não somente pelas pessoas que o conheciam e o amavam, mas também por gente que verá sua imagem, que escutará sua voz e lerá suas palavras que perduram.



Fotografia de Consuelo Lins, Beatriz Jaguaribe e Mauricio Lissovsky (Florianópolis, anos 1990).

REFLEXOS

Por Erika Tambke

- Onde a gente está, Mauricio?

- Cara, eu não sei.

Olhamos ao redor, não identificávamos nada familiar. Ao mesmo tempo, aquela falta de objetos, aquela falta de chão ou céu...era um pouco suspeito. Tudo branco? Que clichê!

Ficamos uns minutos tentando entender e, perante a falta de respostas lógicas, não falamos qualquer coisa. Havia uma esperança de que pudéssemos achar uma pista que nos tirasse daquela situação de indefinição. Um novo elemento investigativo permitiria a gente tentar descobrir algo mais, se lançar a um processo ontológico daquela cena. A gente se encheria de possibilidades para o diálogo especulativo.

Mas, não, nos faltavam os meios.

- E se...

- Não, acho que não.

- Mas não parece que...

- É, até parece, mas não é isso, não. A linha desse autor vai por outro caminho. Quando ele fala disso, está se relacionando a uma preocupação que ele esboçou em um livro no começo da carreira e que ele revisita e aprofunda nessa outra fase. Mas de outro jeito. e digeriam a informação. Uma terceira pessoa pega carona:

- Exatamente isso que eu li sobre o trabalho dele no começo. Que ele jogava a ideia, mas não desenvolvia e foi criticado por isso. Então é muito interessante quando ele volta a este termo tempos depois. Inclusive porque o terceiro livro dele tem uma passagem pequena, no final do segundo capítulo, que faz referência à primeira obra. Isso indica que o tema não saiu do campo de visão do autor.

- Verdade, bem lembrado e... FERNANDA!!! Vc tá aí! Que legal! Como foi aquele trabalho? Gente, a Fernanda está com uma exposição incrível, com fotos que vcs precisam ver.

- Fica até quando?

- Até o final do mês.

- Vou lá então.

- Eu também.

- Obrigada, gente! Estou sempre lá aos sábados, se puderem ir...

- Vou com certeza!

- Eu também! Vamos juntas?

- Vocês vão gostar! (Fala com ênfase, satisfeito, e pega o livro nas mãos novamente, folheia algumas páginas do meio para o final) Bom, o autor costura essa ideia em alguns momentos, como na palestra que ele deu em Cosmópolis, que não foi publicada até depois do quinto livro dele. Mesmo assim, são indícios de que ele nunca tinha deixado aquele conceito de lado completamente.

O cheiro do café vinha das lavouras. As flores brancas, naquelas colinas do Espírito Santo, cobriam a plantação de beleza e um cheiro adocicado singular.

- Eu não sabia que o café tinha uma flor assim tão cheirosa. E linda!
- Pois é, pouca gente conhece. Acaba só tomando o café tostado e moído.
- Queria trazer todo mundo aqui para ver isso.
- Então traz.
- Você está usando essa cadeira?
- Não, não, pode pegar.
- Peguei uma cadeira, mas acho que ainda faltam duas para acomodar todo mundo.
- Nada, tranquilo. Tô bem em pé mesmo, tô indo já já.
- Até a semana que vem.
- Até, professor!



NOITE DE 17 DE OUTUBRO DE 2022: SONHO

Por Fernanda Bruno

Estávamos num carro apertado indo ao encontro de alguém com quem Mauricio gostaria de discutir algo sobre um dos diversos quadros que carregávamos. Havia uma leve tensão, alguma pressa, e uma indicação de que a conversa que Mauricio teria era uma contestação. Chegamos numa rua de pedras, iluminada de sol, larga, com casas de janelas coloridas. Mauricio foi tratar de seu assunto e permaneci junto ao carro com os quadros. Logo depois, um movimento na rua, que já era uma praça, e Mauricio no centro fazendo uma apresentação sobre um quadro e talvez outra coisa, rodeado de pessoas. Junto a ele, no chão, estavam sentadas mulheres que me eram familiares mas que eu não saberia nomear. Cada uma tinha uma caixa ou cesta com um punhado de coisas (objetos, papéis, fotografias) que Mauricio ia pedindo para integrar a sua apresentação. Pessoas assistiam à empolgada e sorridente apresentação do Mauricio e uma extrema emoção toma conta das mulheres sentadas com as caixas e também de mim, que assistia de longe...à beira do choro pensamos juntas que talvez Mauricio não soubesse de sua morte...no segundo seguinte suspeitamos juntas que talvez seríamos nós que não sabíamos que ele estava vivo. Acho que pensei nessa hora, num daqueles lampejos reflexivos da vida onírica, que o sonho de Descartes invadiu meu sonho. Ou isso pensei já na lembrança do sonho. Mas de volta ao centro do sonho, era claro nessa hora que ele estava num plano ligeiramente diferente do nosso, um pouco mais elevado e mais claro, mas logo tudo se junta quando de repente

Mauricio começa a demonstrar um argumento sobre um quadro que tinha a ver com uma cadeira cubista e a prova cabal consistia no movimento que seu próprio corpo fazia emulando a cadeira, pendendo seu quadril geometricamente para um lado, pernas para o outro. Admirada ao descobrir essa nova habilidade do Mauricio, eu disse a Cris, que estava perto de mim sem que eu pudesse vê-la: preciso fotografar isso! Peguei correndo o celular na bolsa e – na hora do clic – acordei.

Esse sonho veio na noite em que visitei a misteriosa e divertida coleção de quadros “falsos falsos” do Mauricio. Escrevo esse texto no dia seguinte, onde restam latentes muitos sentidos. Mas quero falar de três coisas que me emocionam intensamente, meu tão querido amigo. A primeira é que o sonho condensa as muitas formas de presença que você tem na vida de tanta gente – cada uma e um guarda consigo uma dessas caixas de belas e surpreendentes coisas tão singularmente suas. A outra é que nesse sonho tem pedaços de sonhos de amigas e amigos – o da Bia, claramente, mas também de outras pessoas que se juntaram em torno de você e seguiram assim para lembrar e sonhar e contar. Por fim, vejo que juntos inventamos uma espécie de onirofilia, onde estamos aprendendo a conviver com você de novos modos, e este meu sonho fala de como é sofrido e como é bonito não saber onde começam e terminam a vida e a morte no amor e na amizade.



Fernanda Bruno com uma gravura que Mauricio a presenteou de aniversário.

DUAS OU TRÊS CENAS

Por Ilana Feldman

Narrar um sonho é “escrever como se um filme passasse diante dos nossos olhos”.

“Escrever como se um filme passasse diante dos nossos olhos.”

Essa era a definição-síntese de como escrever um roteiro para cinema, segundo Mauricio Lisovsky. No último e-mail que trocamos, ele me enviou um documento de 29 páginas com as suas observações e ensinamentos dados no curso de roteiro audiovisual ministrado por ele na Escola de Comunicação da UFRJ, ao longo de anos.

x

Nas semanas que sucederam sua partida, sonhei algumas vezes com Maurício. Não é a regra lembrarmos de nossos sonhos, rituais noturnos destinados, na maior parte das vezes, a girar no turbilhão de imagens assíncronas que compõem a malha de nosso esquecimento.

O primeiro deles, o primeiro que ficou na lembrança, foi sonhado entre o 29 e o 30 de agosto. Curto como uma pausa, lampejo de uma única cena.

Mauricio tem um irmão gêmeo, também chamado Mauricio. É uma espécie de duplo, um pouco mais magro, um pouco mais pálido, com os cabelos mais longos e mais grisalhos, mas que está lá, sentado diante de sua mesa em uma daquelas salas do “palácio” da ECO, como se diz, com a luz da janela incidindo, e ofuscando, sua silhueta. Mauricio fala, faz pausas. Ele está lá.

x

Quinze dias depois, volto a sonhar com Mauricio. Ao longo da quarta-feira, 14 de setembro, as imagens e cenas vão se revelando à consciência aos fragmentos de um sonho, não apenas menos melancólico do que o anterior como totalmente surrealista, espécie de narrativa policial.

Mauricio vai a um seminário no interior de São Paulo, em alguma cidade do noroeste paulista, onde vive minha avó paterna. Nos encontramos por lá, mas a cidade do sonho não é pacata e calorenta como as cidades dessa região, e sim escura e sombria, como a Alfaville de Godard. Minha avó, que ainda é viva neste sonho, católica apostólica romana, teria sido, segundo Mauricio, cooptada por um asilo gerido por perigosos neonazistas caipiras. É então preciso resgatar todas as provas, todos os índices, todos os sinais, refazendo a cronologia dos fatos, para tirá-la de lá. Mauricio, o detetive, ri e mexe nos cabelos. Sempre solar, ele tem a solução!

x

O que é, para o bem comum, um sonho? Mistura de mensagem, deposição, oferenda, lamento, imaginação?

Seriam os sonhos testemunhos dos dias correntes? Ou testamento para os tempos por vir?

x

Na assinatura automática de seu e-mail da universidade, assim vem escrito, em latim: *inclusum labor illustrat*

“É porque estou fechado que trabalho e brilho com todo o meu desejo.”

A frase é de Roland Barthes, extraída do texto “En sortant du cinéma”, de 1975. No último filme a que assisti no cinema, imediatamente antes da pandemia, meu companheiro e eu contamos com a companhia de Mauricio. Recentemente combinamos de nos rever, tínhamos tanto a conversar! Ele enviou uma mensagem de voz (que não era do seu feitio) cancelando. Não deu tempo.

x

Na escuridão hipnótica do cinema, sonhamos.

Na escuridão humana dos sonhos, nossas produções coletivas, encontramos cenas, fotografias, punctums, espantos e refúgio.

O que sempre admirei em Mauricio, para além de toda a sua inteligência, generosidade, erudição, humor e irreverência, é que ele sempre vivia e falava – enquanto sorria com o olhar – como quem tivesse tempo.

Talvez a morte, para ele, fosse apenas uma pausa, não um destino.

MOIRA MAURICIO

Por Maria Cristina Franco Ferraz

8 de setembro de 2022. Acordo habitada por um sonho. Estávamos muitos de nós em uma comprida mesa de bar. Mauricio no centro. Todos voltando sua atenção para ele. Estava rosado e com a barba de sempre. Falava enrolando um elástico branco e roliço em um carretel de papel. Quando ia acabando o fio, eu puxava, para ele ter mais para enrolar. Ele reclamava um pouco e eu dizia: como pensava Nietzsche, é sempre o mesmo fio. Combinávamos dar um curso juntos sobre tempo, memória e história em Benjamin e Nietzsche. E era uma conversa sem fim. Henrique Antoun perguntava: as imagens vêm antes ou depois? Ele sorria, e essa era a resposta. Continuava desembaraçando e enrolando o elástico, seguia desfiando ideias. Mudas.

Acordo pensando que conversei pouco com ele enquanto podia. Conversas por fazer, já impossíveis, inacabadas. Fios por enrolar e desdobrar. Sempre.

Agora, converso por dentro. E ele sorri, feliz, amoroso. Em silêncio.

MAURICIO LISSOVSKY: UM LEGADO MAIOR DO QUE O MUNDO¹

Por Ana Gandum

Na passada sexta-feira, acordei com a triste notícia da morte de Mauricio Lissovsky, professor da Escola da Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, historiador visual com um trabalho de fôlego no estudo da fotografia e da teoria da imagem, cujo fulgor filosófico para o exercício da história, para a antevisão de novas montagens do pensamento sobre as imagens, é imensurável. Ao escrever estas linhas, tenho a consciência que me faltam as palavras para homenagear, mesmo que de forma singela, este professor, mestre e amigo que tive a sorte de ter como orientador de estudos, e que me acolheu calorosa e generosamente nos seus seminários, grupos de leitura e encontros com outros entretanto (também meus) amigos, no Rio de Janeiro, desde 2014. Por essa razão, resta-me reproduzir a biografia “longa” que me enviou aquando da sua participação enquanto orador principal na Conferência Internacional Fotografia e História, que teve lugar aqui no Funchal, no passado mês de dezembro.

“Historiador, redator e roteirista. Doutor em Comunicação, professor do programa de pós-graduação em Comunicação da UFRJ. Bolsista em Produtividade Científica do CNPQ, Nível 2. Em 2007, foi contemplado com uma bolsa de pesquisa da *British Academy* e realizou o seu pós-doutoramento no Birkbeck College, em Londres. Na ECO/UFRJ foi Coordenador do Curso de Rádio e TV (2007-2010) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (2011-2012). Foi professor convidado de cursos de pós-graduação em fotografia e imagem das Universidade Cândido Mendes (2010-2017) e Positivo (2012-2018). É membro do Advisory Board do Centre for Iberian and Latin-American Visual Studies da Universidade de Londres e consultor do Programa de MFA em Roteiro da CAPES/Fulbright,. Em 2015, foi pesquisador visitante no Program of Latin-American Studies da Universidade de Princeton. Colaborador frequente do Instituto

¹ *O texto que se segue foi publicado no Diário de Notícias da Madeira no dia 30 de agosto de 2022. Foi a tentativa de articular a perda e importância dos gestos de pensamento que o Mauricio nos deixou.*

Moreira Salles, no Rio de Janeiro, como pesquisador, consultor e autor. Entre seus livros publicados, estão *Escravos Brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr* (1988), *Colunas da Educação* (1994), *Só Existe um Rio* (2008), *A Máquina de Esperar* (2009), *Refúgio do Olhar* (2013) e *Pausas do Destino* (2014). Tem larga experiência como roteirista de vídeo, cinema e TV, tendo sido coordenador do Iser-Vídeo e da TV Zero (da qual foi fundador). Na televisão, foi coordenador do programa Cidadania, na TV Educativa (1996) e coordenador de criação e redator final da série Globo Ciência (2000-2003). Entre seus roteiros para o cinema, estão o longa-metragem de ficção *Seja o que Deus quiser* (dir: Murilo Sales, 2002) e *Nise, o coração da loucura* (Roberto Berliner, 2015), e os documentários *A Pessoa é para o que nasce* (dir: Roberto Berliner, 2004), *Eliezer Baptista, engenheiro do Brasil* (dir: Victor Lopes, 2010) e *Serra Pelada* (dir: Victor Lopes, 2013). Colaborou com Jair de Souza em diversos projetos como a *Sala dos Heróis*, no Museu do Futebol, e a exposição *A Imagem do Brasil no tempo da Segunda Guerra*, no Centro Cultural da Justiça Eleitoral (2009), tendo participado da equipe de criação do Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. É membro do Núcleo Criativo da Urca Filmes, desde 2017.

Professor visitante na Universidade Federal de Pernambuco, em 2019, e consultor de desenvolvimento de programas de pós-graduação nas Universidades Federal do Pará.” Na Madeira, Lissovsky fez duas comunicações. Uma delas foi sobre o percurso de um dos primeiros daguerreotipistas a estabelecer-se no Rio de Janeiro – Diogo Luis Cipriano, nascido em 1820 na Madeira – demonstrando, através de uma rigorosa e precisa pesquisa de fontes periódicas, a forma como, em finais do século XIX, o retrato fotográfico se impõe no contexto da capital do Brasil Imperial enquanto prática social e comercial àquela

anteriormente em voga, a pintura de miniaturas. Na segunda comunicação que fez, pareceu-me que Lissovsky juntou vários aspetos daquilo que sempre se me figurou como um pensamento próprio muito original – tanto mais, enquanto leitor atento de Walter Benjamin e o seu próprio conceito de “origem” –, denso para não dizer encantatório, sobre Fotografia, Memória e História. Um pensamento raro, mas que nunca pretendeu se impor como escola. Um pensamento que alegre e entusiasticamente nos convidava a imaginar, a reposicionar o olhar, a explorar os impercetíveis e “infinitos mundos” que o próprio continha, como bem referia Isabel Stein, (colega e amiga de doutoramento cujo percurso Lissovsky acompanhava com muita amizade desde a licenciatura), acrescentando que, por isso mesmo, Mauricio nos deixa um legado maior do que o mundo. Os ecos desses encontros são múltiplos, tecendo uma rede de imagens e afetos, tecendo com muito humor e ternura um inconformismo em relação às formas feitas sobre as imagens, conseguindo mostrar-nos modulações novas e até então insuspeitas.

Ou como singularmente expresso pelo Grupo de Pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade da Universidade de Brasília: “Ele nos inspirou, especialmente no jeito de olhar para os sonhos de futuro, no passado e no presente; na maneira de perceber as profecias das entrelinhas. Por onde passou, Lissovsky seguirá vivendo, pulsante e intensamente, em direção a desdobramentos improváveis, que ainda poderão ter sido. Talvez não exista outra maneira de viver para sempre senão essa”.

E talvez essa vitalidade nos sirva de consolo, apesar da imensa tristeza que a sua perda representa para aqueles que o cruzaram pelo caminho trilhando de forma comparsa atos de pensamento.

Até sempre, Mauricio.

Funchal, 30 de agosto de 2022

O TIGRE, A LONTRA E O GAMBÁ

Por Ana Ottoni

Num último gesto de despedida, fui ontem ao prédio da Escola de Comunicação da UFRJ, na Urca, recordar o semestre de 2018 em que estudei ali. Numa espécie de sanduíche carioca do meu doutorado na USP, fui morar no Rio para cursar uma disciplina de Mauricio Lissovsky. Pelo que sei, Mauricio não repetia disciplinas na pós, essa seria sobre os textos de Walter Benjamin acerca da infância, intitulada *O crítico como criança*. No ano seguinte voltei para uma sensacional semana de leitura da *Câmara clara*, o ensaio onde Barthes vislumbra o “Isso-foi” observando uma fotografia de sua mãe recém-morta aos cinco anos de idade; “como criança”.

Mauricio perdeu a própria mãe nessa mesma semana, outro fato inesquecível para mim. Interrompeu o curso por um dia apenas, e depois da última aula ainda encontrou disposição para almoçar comigo para uma consulta sobre a minha tese, antes de voltar para Recife onde estava vivendo com Cristina.

Desde então, além de meu professor, ele se tornou co-orientador de minha tese e um grande amigo. Ali na ECO e no seu grupo de estudo online (com o qual atravessamos a pandemia um pouco menos infelizes) não só aprendi a ler Benjamin e Barthes como fiz amigos muito especiais, colegas que espero manter para sempre.

A visita ao desgastado prédio imperial não podia ser fácil, rever a salinha de aula espremida; sentar no café – sua sala de aula estendida – era chamar de volta o choro. Mas o nó na garganta foi inesperadamente interceptado pela passagem, bem na minha frente, de um gambá.

Impossível não achar graça. Não pude deixar de pensar como o próprio Mauricio apreciaria essa mudança do dramático roteiro original.

Um gambá entrou na minha fotografia. Bicho bizarro, talvez seu mérito seja justamente a falta de nobreza do tigre, da lontra ou mesmo dos cachorros. Não sei se há um totem do qual faça parte o gambá, como aqueles que Mauricio via para os animais benjaminianos: imaginei nossa conversa sobre isso, lembrando de outras sobre o inconsciente óptico, o punctum, o devir e de tudo mais que invade as imagens.

Obrigada Mauricio, pelo gigante privilégio de suas aulas, de seus comentários e de todas as deliciosas conversas que tivemos, numa banca de pós-graduação ou numa mesa de bar. Vou continuar imaginando nossas conversas por aqui, ciente da incapacidade de cumprir o seu lado; você, com certeza, encontrará melhores interlocutores por aí.



ENCONTROS SEM DESPEDIDAS

Por Anna Cristina de Araújo Rodrigues

A tela do meu computador está incompleta. Foi por ela que retomei o contato com Mauricio Lissovsky depois de dez anos. Era por ela que eu o encontrava a cada segunda-feira.

Naquele 2011, voltei para a universidade para um segundo curso de graduação, Comunicação Social – Jornalismo. Primeiro semestre, estava matriculada na disciplina Fotografia, descobrindo outra linguagem, nova para mim, que mais tarde viria a ser objeto de pesquisa no mestrado e no doutorado. Lissovsky foi convidado para um evento na universidade, e eu fui escalada para entrevistá-lo. Diante dele, a tensão de caloura se desfez mais por mérito do entrevistado do que meu. Sorridente, disponível, paciente, a conversa foi tranquila, sem pressa. Aquele jeito de falar ao mesmo tempo em que refletia sobre o assunto, dirigindo o olhar para o alto, buscando as palavras mais apropriadas e finalizando com um sorriso – e que revi tantas vezes nos últimos dois anos –, me marcou muito. O gravador registrou as palavras de Lissovsky e salvou a entrevista, porque eu prestava mais atenção nele do que no que ele falava. A conversa terminou, agradei e me despedi. Depois, assisti à participação dele no evento. Transcrevi as perguntas e as respostas, que foram publicadas na revista *Comunicologia*, da Universidade Católica de Brasília, na edição de julho/dezembro de 2011. Em 2021, os apuros teóricos do doutorado me levaram de volta ao Lissovsky. Consegui o contato dele por meio de conhecidos e mandei um e-mail constrangido, pedindo ajuda.

A resposta foi imediata, e ele logo enviou um link para uma conversa online que durou duas horas. Falei da pesquisa, das dúvidas, da insegurança. Ele ouviu como se me conhecesse há muito, talvez como se eu fosse uma das suas tantas e dos seus tantos alunos. Fui anotando o que era possível e saí da conversa muito mais segura dos passos e tateamentos que estavam por vir. Na despedida, ele me convidou para participar do grupo de leitura e estudo Imagem/Tempo, e eu topei, muito agradecida.

Ler e ouvir o Lissovsky passou a ser uma atividade constante: artigos, livros, participação nas Jornadas de Fotografia do Centro de Fotografia de Montevideo, em 2021, além de outras palestras e vídeos do YouTube em que ele falava de fotografia, conseqüentemente, de tempo, memória, vida e morte, arte, filosofia, história e comunicação. A imagem dele estava sempre na minha tela. Essa presença foi interrompida de repente, anunciada de forma apressada, como quem diz que vai ali e volta já. Ele não voltou.

Os registros, porém, sobrevivem a nós. As suas muitas imagens fotográficas e em vídeo preenchem de alguma forma um espaço que só mesmo a tecnologia para preencher. E na saudade desse professor inesquecível, voltei ao texto da entrevista que ele carinhosamente se dispôs a dar a uma caloura. Foi emocionante reler as palavras dele. E achei apropriado dividir com todos que participavam do grupo de leitura e estudo Imagem/Tempo a última resposta dele à pouco original última pergunta da caloura:

considerando aquele então hoje – 2011 – da fotografia, do fotógrafo e do fotojornalismo, perguntei o que ele diria a um jovem fotógrafo. Ele olhou para o alto, respirou fundo, olhou para mim e sorriu:

“Não sou bom conselheiro, não. Mas acho que a primeira coisa que você tem de dizer para um jovem é: Procura sua turma. Cada vez mais os processos criativos estão envolvendo grupos. Ninguém mais faz nada sozinho. As potências estão nas redes. E isso vale para os criadores, em particular, para os fotógrafos, para cineastas, para atores. Cada vez menos são os caminhos do sujeito, um caminho que ninguém pode construir sozinho. Por isso a universidade é uma coisa tão importante, porque aqui tem turmas. Se o cara souber aproveitar esses quatro anos, ele pode sair daqui muito potente. Pode sair daqui tendo acumulado experiências que vão servir e, às vezes, vão dar origem não só a caminhos artísticos, mas também profissionais, empresariais. A segunda coisa que eu acho que eu digo é: Ninguém sabe o que vai ser a fotografia daqui a dez anos. Acabei de vir do Paraty em Foco e o tema era ‘O futuro’. A fotografia do instantâneo foi inventada entre 1832 e 1838. Já se conseguia fazer fotografia de tudo que era rápido. Já existia tecnologia, mas não existia a linguagem. Os fotógrafos não sabiam o que fazer com aquilo, então ficavam fotografando gente saltando, carro correndo. A ideia de que é possível flagrar a emoção de alguém em algum momento e depois se perde, isso não ocorria a ninguém. Isso levaria trinta anos até o primeiro fotógrafo se dar conta de que podia usar o instantâneo para isso, para coisas fluidas no mundo, e não para fotografar coisas que se movem. De alguma maneira, toda uma geração teve

que morrer para que essa tecnologia encontrasse uma linguagem. A tecnologia hoje mudou radicalmente. Não só pelo digital, pelas novas câmeras que surgiram, onde essa diferença entre imagem que se move e imagem parada está se diluindo. Mas toda essa geração que ainda está ocupando os postos nas empresas é uma geração que veio do analógico e que, portanto, conheceu a antiga fotografia. Acho que essa geração está experimentando esse processo que ainda não é natural para ela. Acho que a nova geração não vai ter conhecido aquilo e vai achar isso totalmente natural. Então, acho que é tarefa da nova geração encontrar a linguagem da nova fotografia. Estamos em um momento de transição, em que um monte de gente que aprendeu a fazer de um jeito agora experimenta essa nova tecnologia. Há uma fascinação pela coisa nova que ainda não depurou. Agora todo mundo vai para todo lado. A geração que vai surgir é que vai construir o que vai ser o novo fotojornalismo. Do que temos hoje, duas ou três coisas vão vingar, e o resto... A gente vai ter um novo tempo em trinta anos, quarenta anos, até que um dia uma outra coisa vai mudar e... Os jovens de hoje têm que entender que eles estão testemunhando um momento de transição tecnológica e de transição cultural, e a fotografia sempre foi muito dependente da técnica. Ela é uma arte técnica. Isso significa que o que vai ser é uma coisa que eles vão inventar. Não é essa geração que está fazendo agora que vai inventar. Essa está querendo entender como é, está se adaptando.”

MAURICIO LISSOVSKY
RELATO AFETIVO SOBRE UM HOMEM
EXTRAORDINÁRIO

Por Bruno Fabri

A partir do momento em que a fotografia se tornou predominantemente instantânea, para onde foi o tempo que antes era parte indissociável de sua confecção?

Trecho do livro *A máquina de esperar*

Judeu, descendente de ucranianos de expressão russa provenientes da cidade de Odessa, Mauricio Lissovsky deixava entrever em seu senso de humor peculiar não apenas a sua ancestralidade, mas uma verve bem brasileira, mais especificamente carioca. (A cidade do Rio de Janeiro foi uma de suas paixões – dentre tantas e tão tenazmente descobertas por ele através de sua obra). Ele construiu para si uma trajetória como pesquisador, historiador, roteirista de cinema e tevê, além de homem de letras e das imagens. Formado em história pela Universidade Federal Fluminense (UFF), notabilizou-se por ser um investigador incansável de arquivos e documentos dos mais diversos: uma de suas qualidades fundamentais, que o transformaria num pesquisador das imagens técnicas (mais especificamente da fotografia) sem paralelo no Brasil. Para mim, a qualidade de sua obra certamente nada fica a dever à grande maioria dos melhores pesquisadores e filósofos das imagens do mundo (ainda vivos ou não), em livros como *A máquina de*

esperar (2009), *Pausas do destino* (2014), além de inúmeros ensaios espalhados por revistas, blogs, capítulos de livros e de suas aulas; como também nos encontros de seu grupo de estudos, o Imagem/Tempo, do qual fiz parte – de maneira muito intermitente – desde 2016.

Escolhi cursar o meu mestrado na ECO/UFRJ por causa de Mauricio. Por volta de 2006, ele foi convidado pelo Departamento de Comunicação Social da UFMG – onde me graduei – a realizar um breve seminário sobre uma pesquisa que ele estava tocando naquele momento. Fui convidado a participar do pequeno evento por um professor que foi meu orientador no âmbito da iniciação científica. À época, já estudava imagens, especificamente as do cinema documentário. Não me lembro do teor da fala de Mauricio, mas me impressionou a alegria com que ele mostrava – com slides – sua pesquisa, em muito destoada da sisudez dos pesquisadores mineiros, ensimesmados, germanófilos um pouco além da medida, como se a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) fosse um departamento de ultramar da Escola de Pesquisa Social de Frankfurt. A partir dali, sua lembrança passou a ecoar na minha cabeça, ainda um tanto juvenil, como “aquele benjaminiano do Rio de nome polonês ou russo”, que mais tarde fui descobrir que era muito além disso.

E foi a obra de Walter Benjamin que nos aproximou. Em 2014, depois de anos atuando no mercado de trabalho em audiovisual, sem vínculos maiores com nenhuma universidade, é que desejei retomar minhas leituras do filósofo berlinense. Claro, o desemprego foi decisivo para um estilo de vida mais contemplativo, porém, sem vencimentos. Enviei um e-mail para aquele professor que havia me impressionado anos antes dizendo do meu desejo de ser orientado por ele num possível mestrado. Sua resposta foi quase imediata. A partir dali trocamos diversas mensagens, mesmo antes do processo seletivo de 2014/2015 do PPGCOM. Passei na seleção de mestrado, mas ainda sem dar muita importância para o que me esperava: viver num Rio de Janeiro “pré-olímpico”, com uma crise política, econômica e ecológica que me esperava – espreitando – e que apenas dava um aperitivo do caos por vir.

Meu tema foi o filme de Glauber Rocha, *Terra em transe* (1967), tomado através da noção de “imagem dialética” de Walter Benjamin. Num contexto geopolítico e brasileiro muito desfavorável, nunca imaginaria que experimentaria – ainda que de forma muito atenuada – o transe político glauberiano em minha pele nem a “correria” de Benjamin, que se via tendo de mudar de endereço, morando em casas de amigos ou em sublocações (exatamente por ser quem ele foi), ao mudar de endereço quase que constantemente, ao sabor da gentrificação que o caos imobiliário do Rio nos impunha, especialmente naquele momento. Numa torrente de acontecimentos até então inconcebíveis em minha vida, a figura de Mauricio era o equilíbrio de que precisava, em nossos encontros de orientações, de pesquisa e de aulas. O breve caso a seguir é paradigmático do que conto neste relato.

Parafraseando um grande escritor alemão, os grandes olhos verdes de Mauricio eram como olhos “encontrados em certos pintores e filósofos que, por meio da intuição e do pensamento puro tentam penetrar a escuridão que nos cerca”¹.

Foi através desse olhar que a tudo clareia, que fui desafiado a demonstrar, por imagens, um capítulo decisivo da minha dissertação. Me vi tendo de “remontar” *Terra em transe* de acordo com minhas “teses”. Só o convenci da importância de tal capítulo depois de um encontro na sala do IDEA (onde vários grupos de estudos da ECO se reúnem) e testemunhei, impressionado, um olhar perscrutador, cuidadoso, apaixonado e erudito que mudou definitivamente a minha forma de ver a partir de então. Naquele momento – como num estalo – tive certeza dos predicados extraordinários daquele homem enorme e bonachão, sempre com um sorriso no rosto. Predicados que jamais serão superados ou iguados pela singularidade que evocam.

Sua morte me surpreendeu, apesar de ter acompanhado a distância todo o processo, difícil, de sua internação, que já dava sinais de não retorno à normalidade e à saúde plena. Minha racionalidade já concebia sua morte como questão de tempo, mas o coração não: este é sempre pego de surpresa. Fui tomado por uma grande tristeza, temperada aqui e ali com algumas lembranças alegres. Telefonemas a colegas e ex-colegas que duraram quarenta minutos, uma, duas horas de conversas intermináveis sobre Mauricio. Naquele dia só fechei os olhos para dormir depois das três horas da madrugada, extenuado.

Ainda não tenho como exata a medida dessa perda, talvez jamais terei.

¹Trecho do romance *Austerlitz* de W.G. Sebald. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 9.

UM MESTRE INSPIRADOR

Por Deborah Núñez

Fui orientada pelo professor Mauricio Lissovsky no mestrado em Comunicação e Cultura, de 2013 a 2015, no Programa de Pós-graduação em Comunicação da ECO/UFRJ. Conheci o Maurício em uma palestra-aula na pós-graduação em Fotografia, Imagem, Memória e Comunicação da Universidade Cândido Mendes, no ano de 2009, curso em que eu era aluna. A aula foi sobre sua pesquisa “Os tempos da fotografia”, e me lembro do impacto que sua fala e pensamento tiveram em minha compreensão sobre fotografia, assim como do quanto fiquei instigada por esse modo de pensar a composição de imagens fotográficas.

Maurício tinha essa capacidade de fazer uma reflexão complexa e, ao mesmo tempo, torná-la clara e compreensível ao público. Na palestra, ele apresentou sua tese sobre o instantâneo, na qual propôs que o tempo de espera de um fotógrafo antes do clique altera a percepção e a leitura da imagem, determinando a sensação de desconforto ou acomodação dos retratados. O longo tempo de espera de August Sander, por exemplo, acomodava os retratados confortavelmente em seus papéis sociais. Já no clique astuto e rápido da Diane Arbus, com o qual descortinava a estranheza do mundo, os retratos não acomodavam a pessoa retratada em seu papel social, ao contrário, revelavam pessoas desconfortáveis em seus papéis ou apresentavam personagens não muito aceitas por características físicas e/ou condições sociais.

Fiquei fascinada com sua tese, fato que me instigou a ser sua aluna como ouvinte, assim como a tentar e a fazer um mestrado orientada por ele. Na época eu trabalhava com o colecionador de fotografia Joaquim Paiva, era sua assistente, e ajudei a organizar e divulgar a sua coleção de fotografias, assim como a pensar nos trâmites de exposições, empréstimos, reproduções e comodatos. Vivenciando essa experiência e conhecendo toda a coleção fisicamente, pensei nesse vasto arquivo em que a fotografia brasileira se consolidava como coleção e convidei o Maurício para conhecer a coleção na casa do Joaquim. Foi uma visita agradável em que o Joaquim o recebeu com entusiasmo e lhe mostramos grande parte da coleção.

Ao discutirmos as possibilidades de pesquisa, Maurício me instigou a pensar em como e em que momento essa coleção se formara, qual fora o contexto e quais fatos estavam interligados à criação do Instituto Nacional de Fotografia da Funarte, em 1984, e como tudo isso era uma história que deveria ser investigada e relatada. Nesse momento, me tornei pesquisadora. Fui incentivada a pesquisar acervos, tanto os arquivos da Funarte como os acervos particulares dos agentes da criação do instituto, assim como entrevistei todas as pessoas envolvidas.

Descobri que essa foi a história de um momento único da fotografia brasileira que reuniu pesquisadores, fotógrafos e fotógrafas, colecionador, entre outros pelo Brasil afora. Foram grandes encontros e discussões em todo país. As semanas de

fotografia, as convocatórias nacionais, catálogos, diálogos, e o aparecimento do próprio colecionador, foram elementos com os quais se constituiu o campo fotográfico brasileiro.

No doutorado procurei ser orientada pelo Mauricio novamente, mas infelizmente não fui aprovada nas tentativas que fiz na ECO/UFRJ. Atualmente, estou no doutorado na EBA (PPGAV/UFRJ), aceita em 2018. Além do doutorado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ, continuei sempre que pude participando dos cursos e do grupo de estudos do Mauricio, cuja fala e conhecimento muito me instigavam a seguir pensando a fotografia. Me lembro dos encontros online na pandemia do grupo Imagem/Tempo, em que Mauricio nos salvou daquele caos psicossocial em que estávamos afundados, com leitura de textos instigantes e suas reflexões sobre a imagem. Toda segunda-feira nos encontrávamos, o que para mim foi um alívio e também um meio de me manter conectada ao pensar e ser doutoranda em meio ao caos. Minha vida continua em torno da fotografia, além de fotografar e fazer um doutorado, idealizei e realizei o I Festival de Fotógrafas Latinoamericanas em 2021, com uma série de encontros e discussões on-line sobre a visibilidade e a importância dos trabalhos de mulheres em toda sua diversidade, nas artes visuais e na fotografia. Ao longo da minha formação tenho me dedicado paralelamente também à docência e, no momento, estou morando na Bahia, onde, até pouco tempo, estava dando aulas como substituta na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Sou muito grata ao Maurício por ter sido meu mestre e impulsionar em mim a pesquisadora, assim como pelo seu apoio e conhecimento compartilhado. Receber a notícia de todo o sofrimento e a morte do querido Maurício foi muito impactante e assustador. Não estive presente no hospital nem no funeral, o que me entristeceu ainda mais. Senti muita pena por ele ir tão jovem, com provavelmente tanto ainda por fazer...Muito me comoveu o fato de não ter conversado mais com ele sobre minha atual pesquisa. Tenho certeza que ele me ajudaria a crescer neste caminho da tese, infelizmente, agora não será mais possível. Foi um choque, daqueles que temos que aceitar e nos fazem lembrar que a vida é mesmo curta, assim como é pouco o tempo para convivemos com pessoas geniais...

Por Fabiana Bruce Silva

Para as homenagens a Mauricio Lissovsky, professor da ECO/UFRJ e coordenador do Grupo de Estudo Imagem/Tempo. Nosso mestre e amigo!

Hoje é segunda-feira.

Estaríamos em nossas atividades regulares de estudo, pesquisa, ensino, trabalhos afins etc. etc., tendo como horário marcado na agenda o encontro das 16h, pelo Zoom, mesmo link! Com a leitura de textos selecionados e lidos em conjunto. A partir da página que paramos. Para ler e pensar junt@s.

Durante o período pandêmico, e depois.

Patrícia, Ana, Isabel, Lia e os demais coleg@s que chegavam.

Tod@s bem acolhidos.

Até uma segunda-feira em que recebemos a mensagem do próprio Mauricio, que nos dizia ter “baixado hospital” e que passaria por uma cirurgia de emergência. Depois disso, houve um silêncio. E começou-se a perguntar se alguém tinha notícias. Vieram pelo zap; formou-se um grupo. E assim sabíamos. De uma rotina hospitalar. Com muitas esperanças e “uma corrente vibrante de energias”.

Ecumenicamente. Cada um se colocando a rebater as notícias e a convocar alegria.

Poucos dias depois, um dois... quatro..., respondendo à convocatória, compartilhei com o Grupo de estudo Imagem/Tempo:

“Eu escrevi a respeito de Mauricio no facebook, como um lamento mesmo. Reproduzo aqui as palavras. Foram breves. Muitas lembranças. Acompanho vocês. O carinho pelo Mauricio e pelo grupo de estudo Imagem/tempo é grande.

Na sexta-feira, 26/08, 12:32, havia escrito:

‘nas lembranças, olhando para trás por vezes não nos damos conta que os dias seguem adiante...

estudioso de Walter Benjamin e pensador da fotografia, da história visual e da história pública, Mauricio Lissovsky faz agora sua própria passagem.

ficam seus textos, sua obra, esse olhar do crítico como criança.

sentimentos aos familiares

#ripmauriciolissovsky ‘

E apaguei porque não estava dando para editar.

Depois, escrevi outro pequeno texto de homenagem, que ficou na minha página.

Às 13:29:

‘ profundo pesar. que tristeza...

As palavras não dão conta.

Ficam os textos e as lembranças das conversas.

Conheci Mauricio Lissovsky em 2010. Estava lendo *A máquina de esperar*. Ele aceitou um convite meu e da antiga Cadif/Fundaj, aqui no Recife, para encerrar um curso que eu dava, no Derby.

Gostou do nome do curso: “e se as imagens não existissem”?

Gostou mais ainda quando eu disse que tinha tido a ideia por conta de ver passar um ônibus que tinha um outbus com esta pergunta. ☺

Depois disso não perdemos o contato e, em 2019, ele foi meu supervisor de pós-PhD.

Fiz alguns cursos: o de Barthes, o crítico como criança...

Mais recentemente, durante a pandemia, nos reuníamos online, às segundas, no grupo Imagem/Tempo.

Interrompido desde maio.

Que falta enorme vai fazer!

Com quem vamos tirar nossas dúvidas de imagem e história?

#ripmauriciolissovsky

Grande historiador visual e pensador da fotografia”.

"Inclusum labor illustrat"

É isso! Pequena parte de tudo o mais.

Setembro, deste ano de 2022.

Abraços.

Por Imagem/Tempo

O Imagem/Tempo funcionava como um grupo de estudos que se integrava com a disciplina que o Mauricio ministrava na pós. Diferente das aulas, nas quais ele sempre chegava com um texto preparado e imagens para projetar, no grupo havia uma regra que ele buscava cumprir rigorosamente: não podíamos ler o texto antes do encontro. Líamos o texto coletivamente conduzidos pela voz do Maurício e assim construíamos juntos nossas impressões. Seria impossível expressar em algumas palavras o que o grupo de estudos representa. Para alguns de nós, foi a entrada para o mundo acadêmico; para outros, uma forma de continuar em contato com ele. Mas aquilo que foi construído ao longo de anos de compartilhamento de pensamentos e alegre convívio transborda muito os limites de um grupo de estudos.

Mauricio, eterno mestre-criador do grupo, construiu com a imensa generosidade que lhe era particular um ambiente, antes de tudo, afetivo. Afetivo porque nosso mestre nos conduziu a um hábito fundamental, muitas vezes esquecido em meio às urgências do cotidiano: o hábito da copresença. Uma pausa semanal, um respiro, em que o acontecimento era, afinal, o ato de estarmos juntos.

O convite para participar se estendia a todos, a qualquer um que tivesse interesse de acompanhar, e assim o grupo ia se tornando cada vez mais diverso, reunindo pessoas de diferentes formações, idades, fusos horários. Porque, como ele não se cansava de repetir, o grupo era público, tão público quanto era a sua sala de aula numa universidade federal. De fato, suas aulas de pós

reproduziam a diversidade do grupo de estudos, convidando espectadores sem nenhum vínculo formal com a escola a simplesmente entrar e puxar uma cadeira. E assim Mauricio tecia a sua grande rede de pesquisas e pensamentos, entrelaçada por admiradores dele próprio, mas, mais importante, admiradores uns dos outros.

O grupo era também um asilo frequentado por aquilo que o lema de suas mensagens de e-mail fazia ressoar em nós – *inclusum labor illustrat*. Assim, recolhidos nesse casulo que se abria nas tardes das segundas-feiras, trocamos conversas inteligentes e divertidas, fabulamos uma vida acadêmica livre, ultrapassamos fronteiras disciplinares e praticamos a amizade. Era muito boa essa estadia e nos fortalecia ética e amorosamente. E, como de costume nos encontros com Mauricio, presenciais ou remotos, havia a tão esperada hora do cafezinho. O momento precioso das conversas mais soltas, dos comentários políticos, das trocas cotidianas, por vezes catárticas. Múltiplas dimensões da sua presença.

Nesse laboratório de experimentações, enfrentamos juntos desde complexos textos filosóficos a estranhos ensaios de autores desconhecidos – invariavelmente escolhidos de forma democrática – voltados ou não para o estudo da fotografia. Em todos esses percursos, fomos guiados cuidadosamente por caminhos subterrâneos, sempre a contrapelo, em busca de imagens. E assim as seguiremos buscando. Pelo Mauricio.



O ÚLTIMO DUPLO

Por Isabel Stein

Mauricio era muitas coisas, continha nele infinitos mundos, para os quais convidava gentilmente cada um que cruzava o seu caminho a explorar. Caminhar por essas incessantes paisagens inusitadas funcionava como uma multiplicação da experiência sensível daqueles que aceitavam o convite. Sua visão única, senciante às coisas que ninguém percebe, enxergava o impossível, via as pessoas por dentro. Sempre procurando o futuro nas imagens, era ele próprio uma fotografia, porque antevia o mundo com seu humor infalível, suas provocações afiadas, porém imensuravelmente tenras. Um grande contador de histórias – o maior que já existiu –, tinha interesse pelo mais ínfimo ser, e talvez fosse esse o motivo de tamanho acolhimento e de tamanha generosidade. Era ele próprio uma fotografia, porque desierarquizava tudo à sua volta: um devir fotográfico que deslocava os seres e os objetos, adentrando nos tecidos de mundo com uma curiosidade quase infantil. Via o avesso das coisas e o entre dos objetos. Como as crianças e as imagens. Concebia o improvável, acreditava que as coisas podem mostrar seu inverso, sempre à disposição de se colocar como uma espécie de portal oracular para o anverso da superfície aparente daquilo que nos cerca. Como um cão que anda em duas patas, desafiava constantemente qualquer predicado convencional ou expectável. Procurava obstinadamente por essas rupturas, esses nódulos onde-quando a probabilidade joga ao contrário. Em uma extrema lucidez, compreendia a indomabilidade da vida – que é exatamente a mesma das imagens: louca, como qualquer fotografia – sem, contudo, que esse sábio entendimento paralisasse o constante movimento imaginativo de seu corpo;

este, afinal, um grande gerador de figurações. Era ele próprio uma fotografia, porque não passava um único instante sem criar imagens inventivas do mundo e a partir do mundo. Imagens concebidas dessa forma, entretanto, preenchidas com uma urgência particular. Dentro dessas imagens estranhas, engraçadas, selvagens, porosas, delicadas, ele nos convidava a olhar, olhar com os seus olhos, com a sua visão. Era ele próprio uma fotografia porque nesse movimento de compartilhamento ocular construía uma alteridade comum. Não é por acaso que estava recentemente preocupado em investigar a hospitalidade nas imagens, já que as imagens sempre foram por ele encantadas, e um de seus maiores encantamentos era produzir acolhimento e conforto – um pensamento reflexivo, mas altamente atento aos contextos, às emergências do presente. Um compromisso que desfazia qualquer esterilidade daquilo que é atual. Era ele próprio uma fotografia porque lia nesse tempo presente os rastros fantasmagóricos de um passado que ainda não aconteceu; assim, nos ajudou a modular a realidade – sempre intratável – através de fotografias mentais de um tempo que só existe em suspensão, e que agora, coladas aos nossos cérebros e retinas, servem como refúgios preciosos tanto do passado quanto do futuro. Parece impossível imaginar um futuro sem ele, mas imaginar foi precisamente o que ele nos ensinou a fazer.

EXPEDIÇÃO SÃO JOÃO DEL REY E TIRADENTES

Por Leandro Pimentel

Em 2008, durante meu doutorado na ECO, pedi para o Mauricio ser meu co-orientador, e desde que ele teve a imprudente decisão de aceitar nunca mais o deixei em paz. Sempre que pude assisti às suas aulas da pós ou frequentei as reuniões do grupo de estudos Imagem/Tempo. Na minha primeira aula “oficialmente” como co-orientando, em março de 2009, Maurício anunciou que faríamos o curso simultaneamente com a turma do professor César Guimarães, da UFMG, exatamente no mesmo dia da semana e no mesmo horário, seguindo o mesmo cronograma de aulas. Na época nem sonhávamos que dali a dez anos a pandemia nos obrigaria a reduzir ao máximo possível nossos deslocamentos para fora de casa. Muito menos que, em consequência, as aulas seriam ministradas de longe, e as pessoas se encontrariam pela tela dos computadores. Mesmo sem se caracterizar ainda como uma experiência concreta conforme viria a se estabelecer em 2020, a aula simultânea com os mineiros nos dava a sensação de que estávamos todos juntos, apesar da distância entre Rio e Belo Horizonte.

Mauricio sempre criava uma novidade em cada curso que ministrava e junto com os alunos ia testando suas intuições e suas hipóteses com pesquisas inéditas que viravam artigos ou capítulos de livros. Os títulos dos cursos também sempre eram bem originais. Esse em parceria com César, se não me engano, chamava-se “A centelha e o acaso”. A ideia era, no final do semestre, fazermos um encontro presencial juntando as duas

turmas para apresentarmos aos colegas e professores nosso trabalho de conclusão do curso. A cidade escolhida foi São João Del Rey, onde a família de uma das alunas de Minas tinha uma pousada com espaço para fazermos um minicongresso.

Alugamos uma van e saímos da ECO às 14h do dia 10 de julho de 2009, uma sexta-feira, em direção à Villa Buonabitocolo, onde ficaríamos hospedados. (FOTO 1) Conduzidos pelo motorista Berg, além do Maurício, foram na van Juliana Martins, Carlos Leal. Teresa Bastos, Danusa Depes, Marcelo Carvalho, eu, Fernanda Gomes, Adriana Cursino e Juliana Cardoso. Chegando na pousada encontramos Cesar Guimarães com seus alunos Katia Lombardi, Fernando Sete, Bianca, Julia e Úrsula. Fomos recebidos também pelo cão Fidel, que criou uma grande afeição pelo Maurício. (FOTO 2)

Mauricio e Cesar conduziram algumas atividades coletivas. Em uma delas, cada um colocou um nome no papel relacionando com uma imagem ou com algo que foi visto durante o curso. Montagem, redenção, Auschwitz, vestígios, lacuna, Tikun Olan, circular e mônada. No ritmo dessas palavras, Mauricio nos acompanhou até Tiradentes em uma linda noite de conversa e cachaça. (FOTO 3) No sábado foram apresentados os trabalhos com comentários generosos do Mauricio e do César. (FOTOS 4 e 5) Contaminados pelo trabalho brilhante do Carlos Leal e do humor lissovskyano, batizamos o nosso grupo de coletivo Mônadas Alienadas. A meta era nos reunir com regularidade para

vermos filmes e outros trabalhos que não tínhamos tempo de ver nos encontros do grupo nem nas aulas. Conseguimos nos reunir uma vez pelo menos. (FOTO 6).

Quando voltamos no mês seguinte para os encontros do grupo Imagem/Tempo começamos a ler os Essais sur l'expérience photographique, do francês Régis Durand. O combinado para os encontros do grupo era que não leríamos os textos antes em hipótese nenhuma. Líamos todos juntos, e foi sensível o espanto do Mauricio com a convergência entre as reflexões de Durand e suas pesquisas sobre a fotografia. Por uma ironia do destino, Durand nos deixou exatamente no mesmo dia que Mauricio, quinta-feira dia 27/08/2022.

Enfim, Maurício nunca deixou de surpreender, seja com seus textos, suas aulas, seus comentários, seus gestos, suas observações, suas histórias, seu carinho e seu bom humor, que continuarão sempre reverberando entre nós. Viva, Mauricio Lissovsky.

1



2



3



4



5



6



7



8



Por Leno Veras

Numa noite de domingo recebi uma mensagem urgente, avisando que, no dia seguinte, o grupo de pesquisa Imagem/Tempo teria seu encontro semanal suspenso por conta de uma cirurgia de emergência do Lissovsky, meu mais que querido orientador de doutorado: um susto para todos, já que era de praxe as segundas-feiras contarem com um de seus lembretes; comunicações sempre bem-humoradas e inventivas, características tão peculiares ao Mauricio.

Foram alguns meses de luta pela vida, que ele travou com a mesma disposição com que nos impulsionava a seguir em frente (“Hora de tomar outro rumo?” foi o título de um dos últimos e-mails que recebi dele). Eu não sabia que a jornada seria individual, mas tive a honra de poder me despedir, entregando em boas mãos um catálogo meu que ele não tinha visto, com o agradecimento por sua acolhida devidamente impresso. Uma sorte de conversa por meio de imagens, entre warbuguianos e benjaminianos, em que as palavras calam-se para que as luzes se revelem.

Esse baita arquivista-historiador, um exemplo de equilíbrio entre professor e pesquisador, cruzou o meu caminho como caixeiro-viajante, deixando comigo (e com tantos a quem norteou os rumos...) sua “máquina de esperar” - que é como definia o dispositivo fotográfico, a partir do qual ele defendia o instante disparador como uma escuta do futuro: nosso diálogo sobre imagéticas e temporalidades, quero crer, seguirá numa próxima encadernação.

Que a sua incrível coleção de arte falsa nos permita recordar que a verdade está no momento do encontro. Gentil amigo, até a vista!



HOMENAGEM A MAURICIO

Por Luíza Alvim

Meu doutorado na ECO/UFRJ foi marcado pelo professor Mauricio Lissovsky. Não foi meu orientador, mas tudo o que sei de Walter Benjamin e tantas conexões com o pensamento do filósofo me vieram no curso que fiz com ele. Tudo o que, a uma primeira vista, parecia tão difícil, tornava-se bem menos complicado e até divertido em suas aulas bem humoradas. Na época do meu estágio-docente, Mauricio era diretor da graduação. Expondo-lhe minhas dúvidas a respeito do tema da disciplina que eu ministraria, ele de pronto me perguntou: por que não sobre Cinema Moderno? Mauricio tinha boas ideias.

Nos últimos dois anos, era um dos editores da Revista Eco-Pós, em que trabalho desde 2017. Foi ele que sugeriu um dossiê abrangente sobre som no audiovisual e acreditou na minha colaboração com o colega Leonardo de Marchi. Infelizmente, quando o dossiê foi publicado em junho de 2022, Maurício estava hospitalizado e imagino que não o tenha visto. Mas é preciso dizer que foi mais uma das boas ideias do Mauricio.

Saudade dessas ideias e das conexões inesperadas, próprias de um verdadeiro pensador!

Obrigada por tudo,



AO ORIENTADOR, MESTRE E AMIGO

Por Marcela Chaves do Valle

Como é possível um mundo sem Mauricio? Não é. Diante de tão prematura ausência, sinto a necessidade premente de me ocupar das imagens – suas imagens. Procuo indícios em antigas fotografias, encontro pegadas que guiam minhas lembranças, rastros de sorrisos compartilhados, mas nenhuma imagem me satisfaz. Você não está lá.

Divago dentro dessa temporalidade que lhe era tão particular, de um futuro no pretérito, os sonhos de futuro não realizados, as conversas não tidas, os abraços perdidos, todos contidos na imagem. Sua imagem. Reflito sobre nosso elo forjado na paixão em comum pela fotografia, rememoro cada conversa, reencontro seu olhar. Fecho os olhos. Lá está você, sempre estará.

Conheci Mauricio no Programa de Especialização “Fotografia como Instrumento de Pesquisa nas Ciências Sociais”, da Universidade Cândido Mendes, em 2003. Sua aula fascinante, sua paixão contagiante pela reflexão sobre imagem/tempo, me cativaram definitivamente. Ainda levaria um tempo para meu ingresso na vida acadêmica de fato. Mas quando finalmente é chegada a hora, escrevi um e-mail relatando a experiência daquele encontro de 13 anos antes. Como de seu feitio, Maurício me acolheu com uma boa risada. E assim passei a assistir a todas as suas aulas, grupos de estudo, conversas no café, chope de final de curso e nunca mais o deixei longe por muito tempo. Ele esteve na qualificação, na banca de defesa do Mestrado e, por fim, meu orientador no Doutorado em Comunicação e Cultura da

Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO/UFRJ (2019-2023).

As conversas só se multiplicaram, na ideia originária da tese, nos primeiros anos de escrita. Maurício é aquele orientador que faz você acreditar em si mesmo, no seu potencial e nas ideias mais inusitadas – aquelas que você comenta quase dizendo que é bobagem, mas onde ele reconhece o germe de futuro ali guardado, apenas à espera dessa correspondência. Falava sempre que se sentia tranquilo com meu trabalho – muito antes de eu sentir o mesmo. Sabia que a fotografia, em especial nesta perspectiva da expectativa do fotógrafo e da vida onírica das imagens, sua “máquina de esperar” a produzir “pausas do destino” e reservas de futuro, dialoga profundamente com minhas buscas e inquietações. Produzimos muito logo no primeiro ano. Veio a pandemia e seus desafios, mas escrevemos nossos textos juntos. Tínhamos outros por vir. Outros sonhos irrealizados. Mas o maior presente é o contágio de sua crença que resta inscrita em mim.

A tese ficará pronta como idealizamos e você estará lá, ao meu lado. Não há reflexão sobre o gesto fotográfico na modernidade sem Mauricio Lissovsky. Não há um mundo sem você, meu grande amigo.

MAURICIO LISSOVSKY - ANOS-LUZ NA TRADIÇÃO DO PENSAMENTO BRASILEIRO

Por Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

O encontro com o Mauricio Lissovsky mudou a minha trajetória de pesquisa e carreira, trazendo-me, àquela altura, para o Rio de Janeiro e inserindo-me definitivamente no campo do audiovisual. O projeto de pós-doutorado Maranhão 669 - Jogos de Phoder foi recusado por docentes em vários programas de pós-graduação: no de Meios e Processos Audiovisuais da USP, no de Multimeios da Unicamp, no de Ciências Sociais da PUC de São Paulo, inclusive no próprio programa da ECO-PÓS. Era um projeto que propunha, a partir da produção de um ensaio audiovisual, produzir uma reflexão, uma aproximação, entre a filosofia da história de Walter Benjamin e a “Eustória”, do Glauber Rocha, num fluxo alegórico de cenas performativas. Numa rápida conversa num café da UFRJ no Campus da Praia Vermelha, Mauricio aceitou supervisionar o projeto e, a partir dali, iniciamos um intenso diálogo entre os anos de 2013 e 2014. O anedótico é que, ao terminar a supervisão do meu projeto, Mauricio ficou constrangido em colocar o subtítulo “Jogos de Phoder” no Lattes.

Mauricio Lissovsky, sem dúvida, foi um dos maiores pensadores da fotografia e de Walter Benjamin no século XXI. Deixa em sua obra um importante legado para o ensino e o pensamento da fotografia. Produziu uma reflexão complexa, calcada na perspectiva histórica das imagens técnicas, lançando perguntas e questões que lampejarão por anos-luz na tradição do pensamento brasileiro.



O RISO

Por Maria Bogado

O senso de humor de Lissovsky, para mim, era sua característica mais marcante. Lembro dele rindo muito em suas aulas e despertando gargalhadas que, muitas vezes, se estendiam incontidas - gerando pequenos constrangimentos - tempos após as provocações. No começo, cheguei até a me questionar se ele realmente levava a sério suas aulas. Uma vez, visivelmente aturdido, ele iniciou uma aula pedindo desculpas sinceras à turma, porque tinha esquecido o seu roteiro e teria que improvisar. Só então tive certeza que o senso de humor era mesmo parte integrante de seu método. Foi quando me dei conta de que rindo de seus comentários de uma passagem ou outra de Benjamin, tempos depois do fim dos cursos, que eu entendia algo que tinha me escapado de início. Lembrei que foi na sua tese, *A máquina de esperar*, escrita neste programa, que aprendi uma noção de “origem”. Para ficarmos com as suas palavras, cito:

Minha hipótese, neste caso, é que a origem da fotografia – ao menos da fotografia moderna, se admitirmos esta concessão historicista – foi sua relação com o tempo. Foi o modo como, aceitando o tempo como o invisível da fotografia, permitiu que o seu ausentar-se da imagem a atravessasse de múltiplas maneiras. Mas, se sua origem só pode ser apreendida nisto que a fotografia torna invisível, aqui onde ela faz sintoma, então não se trata da fotografia propriamente dita nem de sua “linguagem” – daquilo que ela nos diz, comunica ou ensina –, mas precisamente desta “camada originariamente silenciosa”, de uma reserva

“pré-expressiva do vivido”, como a que Husserl quis resguardar, na “possibilidade da linguagem”. Aprendemos com Freud que o inconsciente não existe: é uma “virtualidade, que de forma súbita e descontínua se atualiza em brevíssimas manifestações”. Assim como o inconsciente “não está antes que um sintoma ou um ato falho sejam produzidos”, a fotografia reencontra sua origem naquilo que lhe sucede com o advento do instantâneo (e toda vez que isso se repete).

A partir da minha percepção de uma aluna distante, que só fez dois de seus cursos, arrisquei pensar que uma “origem” do pensamento de Lissovsky poderia ser o riso. Quem sabe, ao ausentar-se, ele não passa a se re-apresentar, entre nós, cada vez que o espanto filosófico se materializa na pausa do discurso que é uma risada?

BRINDES EM TEMPOS DE GUERRA

Por Sayd Mansur

Conheci o Mauricio por intermédio de minha primeira orientadora, assim que entrei no doutorado em Estéticas da Comunicação na pós-graduação da ECO. Era março de 2020, o início da pandemia, o primeiro mês de trabalhos interrompidos, a primeira experiência de pandemia em gerações e a primeira prática de isolamento coletiva levada a cabo no mesmo instante por praticamente toda a humanidade. Ou assim esperávamos que tivesse sido.

Após algumas semanas, recebi uma preciosa dica de minha orientadora, para que acompanhasse o grupo de estudos Imagem/Tempo, comandado há anos pelo Lissovsky. Enquanto eu pensava no que escrever para ele, fui surpreendido na mesma tarde pelo próprio, marcando uma conversa para depois do almoço pelo WhatsApp. A informalidade do contato foi um alento, afinal, o Professor Doutor era, para qualquer pretensão historiador das imagens, sua maior referência. Com uma tese que se disponha a refletir sobre os cinejornais do Estado Novo getulista, qualquer doutorando naturalmente esbarraria em sua trajetória profissional. Desde os primeiros anos, como historiador recém-formado trabalhando no CPDoc, o respeitado Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, Lissovsky teve a honra de começar sua carreira atuando sobre o espólio arquivístico de ninguém menos que Gustavo Capanema, o ministro do varguismo que superou em muito a designação de seu ministério, que, por sinal, já acumulava em suas funções nada menos que as áreas da Saúde e

Educação. Capanema, pouco lembrado como tantos outros vultos, pensou um projeto de Brasil que, com todas as suas enormes incorreções, serve em nosso presente sombrio como o mais bem acabado testamento que poderíamos ter preservado. E, a bem da verdade, Capanema também teve a tremenda honra de ter em Mauricio seu auxiliar póstumo, assim como teve em vida ninguém menos que Carlos Drummond de Andrade.

O jovem historiador se tornou um nome inescapável no estudo das imagens e da fotografia, em particular, um pesquisador com reconhecimento nacional e internacional. Além disso, mais do que preservar, ninguém se debruçou com a relevância de Lissovsky sobre a natimorta “Obra Getuliana”, uma das mais espetaculares coleções fotográficas do século XX, produzida aqui no Brasil, na intenção de celebrar a “ilustração” e o esforço “desenvolvimentista” da ditadura do Estado Novo em seus dez primeiros anos. Coleção que contou com a colaboração de inúmeros fotógrafos nativos, como Jorge de Castro e Epaminondas, e estrangeiros, como o francês Jean Manzon, além do grande contingente de emigrados da já sufocada República de Weimar, Erich Hess, Paul Stille, Erwin Von Dessauer e Peter Lange. De fato, era intimidador conversar com alguém que manuseou, organizou e ainda se prestou a investigar as nuances desse projeto de nação que se acreditou marchando para o futuro. Marchando tão rápido que periga ter acelerado o passo a ponto de deixar seu povo pra trás.

E o que falar dessa primeira conversa, além do fato de que certamente teria se encerrado numa mesa de bar? Algo que, não duvido, seria obrigatório para meu interlocutor em “tempos de paz”. Ali compreendi um pouco da figura gentil e entusiasmada do Professor que agora já não tinha nada de intimidador. Inclusive, porque já me abria algumas portas ao confidenciar um projeto que estava desenvolvendo justamente sobre o período já mencionado, onde ele investigava como se deu a repressão e o apagamento dos traços culturais dos migrantes de países do Eixo a partir do momento em que o Brasil, ou melhor, Vargas se decidiu por uma proveitosa aliança com os Aliados. Mas, de fato, o que fica como lembrança dessa primeira conversa, preenchida por uma corpulenta voz, é o jeito bonachão capturado em sua primeira gargalhada. Quem diria, o famoso Lissovsky era um fanfarrão que ia te contando um caso atrás do outro, até te provocar uma gargalhada, para, só aí, satisfeito em conseguir tua risada, rir junto provocando uma comoção geral. Imagine em sala de aula? Digo, imagine numa sala de aula real, para além das reuniões via Meets ou Zoom.

Dali em diante foram pouco mais de dois anos de encontros semanais todas as tardes de segunda-feira. Encontros quase ininterruptos, diga-se de passagem, pois muitas vezes atravessávamos feriados e dias santos, afinal, em plena pandemia, quem se recusaria a transformar mais um dia com cara de domingo numa celebração dos encontros e da pesquisa? Certamente, as duas maiores paixões de todos nós ali envolvidos. Em todo caso, como nem tudo são flores, e como temos, cada um a sua maneira, inadequações e dificuldades, pessoalmente experimentei grande dificuldade no convívio virtual, ainda mais do que no mundo físico.

Daí que, se no princípio o anfitrião, ou host, insistia em me passar a bola para emitir alguma opinião ou associar determinada passagem com algo que atravessasse minha pesquisa ou trabalho enquanto realizador, a falta de traquejo e a maneira provavelmente afoita com que percebia eu me desvencilhar foram desanimando-o a me lançar mais provocações. E, sem elas, parte do meu aprendizado. Aliás, aproveito, já que o acaso não me permitiu agradecer pessoalmente, “Lissovsky, te sou grato por todas essas irretornáveis oportunidades”. Porém, o mal-estar não durou mais do que o necessário, e qualquer dúvida sobre meu direito de estar ali entre outros tantos notáveis se desfez com meu primeiro artigo para uma disciplina regular. Surpreenderam-me os elogios e, mais ainda, a rapidez em comentar um trabalho recém-entregue. Lembrem-se, para além da busca de aceitação por uma figura de autoridade admirada, estávamos há dois anos numa pandemia, e um encontro presencial retomando a afetividade num nível mais corriqueiro dentro da Universidade ainda poderia ser adiado pela bagatela de mais uns seis meses. Uma eternidade, como de fato transcorreram os exatos últimos seis meses. Mas foi justamente nessa virada que uma proximidade maior se consolidou com nosso host, quando, por uma questão de tempo, aposentadoria e “afinidades eletivas”, a possível co-orientação dele sobre meu trabalho se tornou uma orientação titular.

Foi quando, depois de mais de dois anos frequentando a rotina um do outro todas as semanas, marcamos um encontro na “esquina de casa”, porque, afinal, éramos vizinhos de bairro. A conversa, agradável como sempre, trouxe a surpresa indiscutível para um primeiro encontro no plano físico. Lissovsky era um viking, para além da barba que transparecia na eterna 3x4 permit-

pela webcam. O homem era um gigante e se apresentava pela primeira vez em todo seu porte. Para além disso, o que importa é que alguns bons insights surgiram dali, com Mauricio sendo realmente muito generoso ao comprar minhas (atrevidas) ideias, descartando algumas próprias e, ao mesmo tempo, me ofertando outras tantas que ele mesmo poderia ter guardado para trabalhar num futuro próximo. Haveria honra maior?

De fato, foi uma pena não ter havido uma oportunidade a todos do grupo de estudos de partilhar de um brinde coletivo. Aquele que seria o primeiro para os mais novos, o último para os veteranos. Somente mais um brinde, como outros tantos que consagraram o final das discussões de segunda-feira. Um tim-tim simbólico que não necessariamente envolvia o prazer pelo álcool, mas onde cada um, na intimidade de seu lar, celebrou seus interesses com o coletivo assíduo. Presenças que estiveram espalhadas pelo Rio de Janeiro, por São Paulo, algumas por Petrópolis, outras não raro por Fortaleza ou Portugal. A vida tem dessas surpresas, e a forma como alguns de nós vive, quando forte o suficiente, se sustenta deixando uma presença que independe dos desejados ajustes e despedidas de última hora que tanto apreciamos. Vidas que se tornam inspiração para os que permanecem, que inspiram aqueles que estiveram presentes e que certamente se manterão vivas mesmo para aqueles que só ouvirão suas lendas.

Ao mestre brincalhão, um forte abraço.

Sayd

19/09/2022

Por Sofia Bauchwitz

Em março de 2021, Mauricio me escreveu um e-mail curtinho, comentando com muita delicadeza e proximidade sobre o livro-souvenir que eu havia enviado para ele. “Seu livrinho ‘deserto.trilhas.mar’ chegou aqui em casa.” Mauricio dizia que havia gostado muito. Eu respondi agradecendo, contando um pouco do projeto, me sentindo muito alegre com esse espaço de troca. Eu disse também, como uma promessa, em um post scriptum, que ia só finalizar uns projetos para, então, retomar os estudos com o grupo. Infelizmente, não consegui retomar a tempo. É com saudade que penso nas vozes e risadas do grupo de estudos que chegavam aqui em casa, toda segunda-feira.

PALAVRAS QUE NOS VEM À MENTE E AO CORAÇÃO QUANDO FALAMOS DO MAURICIO

Por Turma Dinter Univille/UFRJ

Generosidade e Simpatia

Nós, egressos da turma do Doutorado Interinstitucional Eco-pós UFRJ/Univille, não chegamos a ter alguma disciplina com o Mauricio, infelizmente, mas tivemos a oportunidade de tê-lo participando de bancas e pré-bancas, além das oportunidades em eventos. Do Mauricio pudemos conhecer as obras citadas pelos colegas professores, sempre carregadas de admiração. Era comum que, entre os pares, se falasse do Mauricio, exaltando seu brilhantismo e seu humor.

Os que tiveram a oportunidade de dialogar diretamente com ele, seja em banca, seja em eventos, ressaltam o quão generoso era em suas palavras e conselhos. Muitos de nós lamentamos não ter tido alguma disciplina com ele! Seus estudos em fotografia inspiraram pesquisas entre nós que permanecem! É, e continuará sendo, uma referência importante nesse campo!

Gratidão

Era nítido em suas falas, fluidas, sempre carregadas de descontração e provocação, seu desejo de contribuir, o que demonstrava, ainda que de forma sutil, seu amor pela vida e pelo saber. Nossa gratidão a suas falas, seus exemplos, suas inquietações e a tudo que ele representa nos estudos de comunicação.

Perspicácia

Maurício via com facilidade o que muitos de nós, com muito esforço, não enxergávamos. Sobrava nele o que nos falta: perspicácia. Seus textos e anedotas ficavam ainda mais instigantes ao som de sua voz, marcadamente compassada e forte, de timbre quase plástico, impostado! Quem o conheceu, não consegue mais ler suas obras sem que os seus gestos e sua voz ecoem na mente, trazendo sempre, ao final de algum parágrafo, um sorriso descolado, emergindo das suas provocações.

Obrigado Maurício!





